

ANDRAGOGIA – A EDUCAÇÃO DO ADULTO

ANDRAGOGY – ADULT EDUCATION

ANDRAGOGÍA – EDUCACIÓN PARA ADULTOS

Luciana Franzin¹ (lucianafranzin@gmail.com)
Mario Marcos Lopes¹ (lopesmmarcos@gmail.com)

¹Centro Universitário Barão de Mauá

Resumo

O presente estudo tem a intenção de discutir alguns pontos a respeito da metodologia de ensino voltada para os adultos, chamada de Andragogia, bem como descortinar alguns conceitos e características para uma melhor compreensão, tanto por parte do educador quanto do aluno no que se refere ao ensino de adultos. A metodologia empregada tem como viés de concepção a pesquisa exploratória, pautada na pesquisa bibliográfica, com alguns elementos que remetem à forma de pesquisa qualitativa por meio da qual ocorreram as análises dos itens apresentados na bibliografia. Como resultado percebe-se que a Andragogia já está inserida nas instituições de ensino, principalmente naquelas com o sistema EAD, ainda que de maneira tímida. E como consideração final pode-se afirmar que a Andragogia deve ser vista, entendida e analisada como um modelo de educação de adultos, muito mais adequada a esses estudantes do que a Pedagogia Tradicional.

Palavras-chave: Adulto, Andragogia, Aprendizagem.

Abstract

The present study intends to discuss some points about the teaching methodology for adults, called Andragogy, as well as to unveil some concepts and characteristics for a better understanding, both by the educator and the student with regard to adult education. The methodology employed is the exploratory research approach, based on bibliographic research, with some elements that refer to the qualitative research form where the analysis of the items presented in the bibliography took place. As a result we realize that Andragogy is already inserted in educational institutions, especially those with the EAD system, albeit timidly. As a final consideration, we can say that Andragogy should be seen, understood and analyzed as a model of adult education, much better suited to these students than Traditional Pedagogy.

Keywords: Adult, Andragogy, Learning.

Resumen

El presente estudio pretende discutir algunos puntos sobre la metodología de enseñanza para adultos, llamada Andragogía, así como revelar algunos conceptos y características para una mejor comprensión, tanto por parte del educador como del alumno con respecto a Educación de adultos. La metodología empleada es el enfoque de investigación exploratoria, basada en la investigación bibliográfica, con algunos elementos que se refieren a la forma de investigación cualitativa donde se realizó el análisis de los ítems presentados en la bibliografía. Como resultado, está claro que la Andragogía ya está insertada en las instituciones educativas, especialmente en aquellas con el sistema EAD, aunque de manera tímida. Como consideración final, podemos decir que la Andragogía debe ser vista, entendida y analizada como un modelo de educación de adultos, mucho más adecuada para estos estudiantes que la pedagogía tradicional.

Palabras clave: Adulto, Andragogía, Aprendizaje.

Introdução

Por muito tempo acreditou-se que o processo de ensino e aprendizagem deveria ser tomado de atenção, apenas no que se referia ao modo de ensinar às crianças, que adentravam as escolas quando completavam a idade devida para começarem a aprender o que o universo da educação poderia lhes fornecer. O estigma de que com idade avançada seria difícil levar conhecimento aos alunos que buscavam essa opção, deixou de ser evidenciado, frente às evoluções no processo educacional, que já não toma como estranho e intimidador quando um aluno difere dos demais em idade.

Percebe-se hoje que a aprendizagem não tem uma idade definida para acontecer, porém é evidente a necessidade de se atentar para o fato de que existem diferenças essenciais no processo e nas metodologias de ensino e aprendizagem, quando comparamos os alunos do Ensino Fundamental/Médio, com os de programas como o Educação de Jovens e Adultos (EJA) e dos adultos que buscam nas instituições de ensino ampliar seus conhecimentos.

Vale ressaltar que a influência da vida moderna, as grandes evoluções tecnológicas e a busca incessante do indivíduo em se adaptar às exigências que o mercado, a vida social e a convivência com a tecnologia exigem, são grandes motivadores para que a busca por conhecimentos seja tomada como um processo de educação permanente e continuada.

Com o crescimento do número de alunos adultos nas instituições de ensino superior, faz-se necessário compreender que a interação entre aluno e professor no processo de ensino e aprendizagem, não deve ser comparada ao processo de docência aplicado nos anos iniciais de aprendizagem. Existe uma grande passagem de tempo, com conhecimentos adquiridos nesse percurso, que levam o docente a questionar seus métodos e buscar novas formas de viabilizar o processo de ensino. E nesse contexto, o tema proposto neste estudo, a Andragogia, tem a função de elucidar e viabilizar a maneira como o docente interage com os alunos adultos.

A procura por uma instituição de ensino superior cresce exponencialmente, mesmo que em comparação com períodos anteriores tenha ocorrido um ligeiro declínio, tanto nas instituições presenciais, quanto nas do segmento Ensino a Distância (EAD), e dados do Censo da Educação Superior de 2016 suportam essa afirmativa, quando menciona que “em 2016, o número de matrículas na educação superior (graduação e sequencial) continua crescendo, mas essa tendência desacelerou quando se comparado aos últimos anos” (INEP, 2016, p. 05). Ainda segundo o censo “a idade mais frequente de estudantes matriculados é de 21 anos nos cursos de graduação presencial e de 28 nos cursos à distância” (INEP, 2016, p.04).

Esses dados induzem ao questionamento, principalmente nos estudantes com idade de 28 anos descritos no censo, de quais são as motivações que os levaram a buscar uma graduação, ou especialização em sua área de conhecimento, nessa etapa de suas vidas. Alguns apontamentos informais entre conhecidos sugerem que a busca por especializações, aquisição de novos

conhecimentos e aprimoramento no currículo levam os adultos a procurarem uma instituição para se adequarem ao que o mercado de trabalho exige.

Assim, observa-se um quadro de alunos nas instituições com necessidades especiais: são adultos, que já possuem uma grande bagagem de conhecimentos e que estão dispostos a usufruir sistematicamente e com responsabilidade o que o curso o qual se dispôs a fazer, pode oferecer.

Versando a respeito da educação desses adultos é que surge a necessidade de compreender a importância da Andragogia, termo popularizado por Malcom Knowles a partir de 1973, nos Estados Unidos da América, que ficou conhecido como um dos mais dedicados autores a estudar o assunto, no que tange à formação de docentes (MUNHOZ, 2017). Pierre Furter (1973, p.23) definiu a Andragogia como a filosofia, ciência e técnica da educação de adultos, e por este e tantos outros defensores é que o presente trabalho tem a intenção de dissertar a respeito do tema proposto.

Os principais objetivos deste trabalho são: conhecer a respeito da Andragogia, com vistas a melhorar o processo de ensino dos adultos; através de buscas e pesquisas em bibliografias já publicadas, conceituar a Andragogia e diferenciá-la da Pedagogia e descrever os princípios da Andragogia e sua ligação com o processo de ensino e aprendizagem do adulto; conceituar o papel do educador no processo de ensino aprendizagem do adulto; e instruir educadores no que tange à relação professor-aluno, dentro dos moldes da Andragogia, com discentes adultos.

A metodologia empregada tem como viés de concepção a pesquisa exploratória, pautada na pesquisa bibliográfica, com alguns elementos que remetem à forma de pesquisa qualitativa por meio da qual ocorreram as análises das indicações apresentadas na bibliografia.

Por fim, a intenção do presente trabalho é esclarecer sobre as definições do conceito andragógico e propor uma nova perspectiva a respeito do ensino e aprendizagem de adultos. Nota-se a necessidade de preparação de alguns docentes, na forma como conduzem seu processo de ensino a estudantes que já possuem uma extensa bagagem cultural e de vida, levando-se em consideração que esses “novos/antigos” estudantes também são professores, dentro de seus conhecimentos adquiridos.

1 O que é Andragogia?

Desde o século VII, e tendo se fortalecido durante o decorrer dos séculos seguintes, as ideias predominantes sobre a forma de educar assumiram um conjunto de pressupostos que, na verdade, fundamentam a pedagogia tradicional. A pedagogia engloba, nesse contexto, um conjunto de procedimentos, normas e técnicas cujas raízes se agarram à doutrina dos séculos VII a XII, características nas escolas monárquicas e nas catedrais europeias, que eram dirigidas a jovens rapazes através dos mestres religiosos. O principal objetivo desses mestres era o de doutrinar os estudantes na fé e nos rituais rotineiros da Igreja Católica, e por isso, as estratégias

de ensino eram estruturadas na máxima da aquisição constante de conteúdos, em detrimento do desenvolvimento específico de competências (NOGUEIRA, 2004).

A partir do momento em que as escolas seculares começaram a se organizar, alguns séculos depois, este era o único modelo de ensino existente. Porém, o público alvo da educação havia se transformado: houve um acréscimo significativo de crianças, que vinham de diferentes classes sociais; assim como adolescentes e adultos que buscavam se inscrever em atividades relacionadas à educação formal.

Corroborando essa afirmação, destacamos o aumento desmedido de adultos que, após a I Guerra Mundial, se matricularam em busca de educação. E este evento provocou uma visão mais ampla, principalmente por parte dos profissionais da educação, em relação aos conceitos oferecidos pela pedagogia (NOGUEIRA, 2004).

Após esse evento histórico surgiram várias obras a respeito da educação de adultos, e apesar de a maioria dessas obras relatarem experiências bem-sucedidas em relação ao processo educativo empregado, elas não derivavam de um modelo conceitual específico. Tendo como base a preocupação de diversos educadores europeus e americanos em elaborar um modelo diferente do atual conceito pedagógico usado, foi que surgiu a Andragogia.

A palavra “Andragogia” foi utilizada pela primeira vez, por Malcom Knowles, em 1968, num artigo intitulado como “*Adult Leadership*”. Para esse autor, a andragogia e a pedagogia estavam alicerçadas em modelos diferentes em relação à concepção e perspectivas estruturadas com a finalidade da educação. Portanto, enquanto a pedagogia era definida como “a arte e ciência de ensinar as crianças”, uma vez que a derivação da palavra surge do grego *paidós* (que significa criança) e *agogé* (que significa condução); a andragogia é conceituada como a arte e a ciência de facilitar a aprendizagem dos adultos, e tem derivação da palavra grega *añer* com a conjugação *andr-* (que significa Homem, não rapaz ou adulto) (NOGUEIRA, 2004).

A seguir, apresenta-se uma breve explanação sobre as principais diferenças entre as perspectivas andragógica e pedagógica, para em seguida entrarmos nas especificidades inerentes à andragogia.

1.1 Andragogia versus Pedagogia

Em sua obra, Knowles (1984) selecionou os principais pressupostos da Andragogia e comparou-os com os pressupostos da Pedagogia. Com base nesse comparativo, o autor buscou salientar o quão era inadequada a ideologia pedagógica em relação ao ensino do adulto e a necessidade de usufruir de um modelo diferente, inovador e mais pragmático. Esta perspectiva bipartida de conceber a educação foi, mais tarde, substituída por outra mais integradora e continuada. Em 1980, Knowles altera o subtítulo da sua obra “*The Modern Practice of Adult Education*”, sendo visto como um diferencial importante na aproximação das duas perspectivas. Para o autor, ambos os modelos podem ser usados com crianças e adultos, oferecendo assim um adendo à oposição inicial entre os dois modelos. Entretanto, a aproximação das duas perspectivas

que Knowles defende não se traduz na aceitação da Pedagogia, como um modelo adequado em determinadas etapas do processo de ensino, mas na suposição de que o modelo andragógico envolve o modelo pedagógico e que, por tal afirmação, os adultos podem iniciar seu processo de ensino e aprendizagem tendo como base o modelo pedagógico, mas com o objetivo de evoluir para o emprego do modelo andragógico. Em outras palavras, para Knowles (1984) o modelo andragógico, não é visto como uma ideologia, entendido como uma série sistemática de crenças que requerem a lealdade por parte dos que aderem a esse modelo, mas sim, um sistema de pressupostos alternativos que envolvem o modelo pedagógico.

Entendendo a importância da mudança de postura do professor tradicional para a do orientador, pretendemos salientar as principais diferenças no processo de aprendizagem entre andragogia e pedagogia (Quadro 1).

Quadro 1- Processo de Ensino Aprendizagem segundo as duas perspectivas

Processo de (ensino) aprendizagem	Pedagogia	Andragogia
Elaboração do plano de aprendizagem	- Pelo professor;	- Pelo auxiliador de aprendizagem e pelo aprendente;
Diagnóstico das necessidades	- Pelo professor;	- Pelo auxiliador de aprendizagem e pelo aprendente;
Estabelecimento de objetivos	- Pelo professor;	- Através de negociação mútua;
Tipos de planos de estudos	- Planos de conteúdos organizados de acordo com uma sequência lógica;	- Diferentes planos de aprendizagem;
Técnicas de (ensino) aprendizagem	- Técnicas de transmissão;	- Técnicas de uso prático e experimentação;
Avaliação	- Pelo professor; - Referências às normas; - Através de pontuação, notas.	- Pelo aprendente; - Referências a critérios; - Através da validação dos companheiros de estudo, do orientador da aprendizagem e peritos na área escolhida.

Fonte: Nogueira (2004)

Através da observação do Quadro 1, percebe-se a forma de atuação entre um pedagogo que aplica o conteúdo sem contestação, enquanto o profissional baseado na andragogia procura estimular seus aprendentes a se responsabilizarem de forma progressiva com sua própria aprendizagem.

Knowles (1984) afirma que é de interesse do orientador da aprendizagem escolher quais os pressupostos mais adequados a cada situação. Cita ainda que ao se deparar com aprendizes que não possuem experiência com a área do conhecimento que escolheram, não compreendem a relevância de certos conteúdos relacionados às tarefas diárias ou quando há a necessidade de adquirir rapidamente o conhecimento para alcançar certos objetivos, nesses casos, o modelo de ensino pedagógico poderá ser tido como o mais adequado.

Atualmente, a Andragogia é entendida como uma alternativa ao sistema pedagógico tradicional e refere-se à educação centrada no aprendiz para pessoas de todas as faixas etárias.

Seguindo o modelo andragógico de aprendizagem, a responsabilidade pela aprendizagem é dividida entre professor e aluno, o que gera uma disposição alinhada entre essa abordagem e a maioria dos adultos, que procuram independência e reponsabilidade por conteúdos que julgam ser importante aprender.

Segundo Knowles (1984), o modelo andragógico estaria fundamentado em quatro suposições básicas para os aprendizes, todas ligadas à capacidade, necessidade e desejo de eles mesmos assumirem a responsabilidade pela aprendizagem:

- Seu posicionamento passa da dependência para a independência, tornando-se um autodirecionamento;
- Os adultos possuem uma “bagagem” de experiências que pode ser usada como alicerce para a construção da aprendizagem;
- O empenho em aprender se funde com as tarefas de desenvolvimento de papéis sociais;
- As perspectivas de tempo e currículo mudam da delonga para o imediato da aplicação do que é aprendido e de uma aprendizagem direcionada aos assuntos, para uma centrada no desempenho.

Para Aquino (2007, p.13):

[...] existe um contínuo, no qual a pedagogia, também conhecida como aprendizagem direcionada, posiciona-se em uma extremidade, enquanto a andragogia (aprendizagem facilitada) encontra-se em outra. De modo a se ter eficácia e eficiência no processo de aprendizagem, é necessário que professores e organizações educacionais sejam capazes de se mover ao longo desse intervalo e encontrar a combinação correta entre as duas abordagens.

A escolha que mais beneficiará o processo de ensino e aprendizagem, a combinação da Andragogia com a Pedagogia, depende de alguns fatores que devem ser verificados. Entre eles temos o nível de desenvolvimento intelectual do aprendiz, as experiências educacionais anteriores dos alunos, os objetivos educacionais e seus próprios estilos de aprendizagem, o ambiente educacional, e o ambiente externo.

Vale ressaltar que cada indivíduo é diferente do outro. Eles aprendem de maneiras diferentes. Às vezes o aprendizado se dará mais facilmente quando for tendencioso às técnicas da pedagogia, um modelo mais direcionado de aprendizagem, enquanto outros irão abraçar o modelo orientador de aprendizagem da andragogia com maior desenvoltura.

2 O Ciclo Andragógico

Percebe-se que o modelo andragógico tem como características a flexibilidade, foco na adaptação aos indivíduos, ênfase no processo em detrimento aos conteúdos, e, a responsabilidade pelo processo de aprendizagem dividida entre o orientador e o aprendiz. As hipóteses teóricas, apresentadas por Knowles (1980), em relação às características mais

relevantes dos adultos para que ocorra o processo de aprendizagem; chamada de ênfase em quem aprende como o centro do processo educativo, a preocupação em estimular o “aprender a aprender”, direciona a maneira com a qual esse autor concebe a prática educativa.

Knowles (1984) se pauta no ciclo andragógico como o principal instrumento na elaboração e desenvolvimento de projetos educativos e não na grade curricular, como se encontra tradicionalmente estabelecida nas instituições de ensino; e enfatiza os problemas do aluno e que divide o processo de acordo com as áreas de problemas e não em disciplinas. Essas mudanças são conceituadas através do ciclo andragógico, que é composto por sete fases que são consideradas em diversos níveis quando do ingresso do aluno, e a partir delas citaremos algumas implicações para a prática educativa.

2.1 O clima de aprendizagem

O primeiro ponto frequente e que ocorre no início do ciclo andragógico é o estabelecimento do clima. Há tempos os profissionais dedicados ao estudo da educação perceberam que o ambiente educativo com maiores probabilidades de contribuir com o sucesso no processo de ensino e aprendizagem são aqueles caracterizados pela informalidade, conforto, segurança, respeito e confiança. Portanto, mesmo que Knowles (1984) defenda que a qualidade do ensino, as dimensões do espaço físico, a temperatura, a ventilação, a luminosidade e acústica, assim como, o cuidado na escolha de um ambiente adequado para os alunos deve ser preparado levando-se em consideração o declínio da acuidade audiovisual que ocorre em alguns adultos, são as nuances do ambiente psicológico que se apresentam como de maior importância.

Em verdade, cabe ao orientador, nos primeiros momentos de contato com o aluno, instituir e instigar o desenrolar das relações interpessoais, a fim de desmistificar ideias pré-concebidas e/ou preconceitos frente à aprendizagem, ao mesmo tempo em que desenvolve uma imagem positiva dos adultos (KNOWLES, 1984).

Quando um adulto busca as instituições de ensino, eles chegam cheios de ansiedade e com receio do que irão enfrentar. Somente conseguirão aprender e entender o processo de ensino e aprendizagem em sua totalidade, quando perceberem que as diferenças entre eles serão respeitadas, que os seus erros não serão alvo de comentários e que a colaboração mútua é incentivada. Outros quesitos que deverão ser incentivados são a motivação dos alunos, as relações de suporte e a participação interativa entre todos os envolvidos (NOGUEIRA, 2004).

Estabelecer um bom clima é um dos elementos mais importantes no modelo de Knowles, se o orientador e os alunos não alcançarem um clima positivo, o processo de aprendizagem será dificultoso e o sucesso do trabalho que for feito em conjunto, será comprometido. Chamamos a atenção também, ao fato de que, para que o clima psicológico esteja a favor do processo e que os envolvidos (adultos) se sintam confiantes e direcionados, os recursos existentes na sala, sejam

humanos ou materiais, precisam estar disponíveis e de fácil acesso, para que adquiram o hábito na busca desses recursos sempre que possível de maneira proativa e não reativa (PAULA, 2012).

2.2 Mecanismos de planejamento mútuo

O planejamento deve estar envolvido em todas as partes em que ocorrerá o processo educativo. As pessoas se sentem mais envolvidas com uma decisão ou atividade, quando participam diretamente na tomada dessa decisão ou no planejamento e cumprimento da atividade. E tendem a não se sentir envolvidas quando lhes é imposta, ou quando não lhes é dada a oportunidade de influenciar nas mesmas (NOGUEIRA, 2004).

Os adultos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem devem ser tratados como pessoas competentes e capazes de realizar e contribuir para o planejamento, e lhes deve ser entregue de forma verdadeira a função de delegar responsabilidades e influenciar nas tomadas de decisão.

Para conseguir encontrar o momento adequado para que os adultos compreendam determinados pontos do processo de ensino e aprendizagem, é importante estar atento ao tempo da aprendizagem. O princípio da organização correto se baseia no planejamento do processo evolutivo da aprendizagem, buscando adequar a sequência curricular e as tarefas de desenvolvimento.

2.3 Diagnóstico das necessidades de aprendizagem

A criação de um modelo de competências para o aluno com o auxílio do orientador é uma forma de identificar as necessidades de aprendizagem do aluno. Essas necessidades podem ser definidas como uma brecha entre as competências especificadas no modelo e o nível atual das competências do discente, e sua análise começa com a percepção, pelo próprio, a respeito do que pretende vir a ser ou do que procura conseguir, que níveis de desempenho pretende alcançar (NOGUEIRA, 2004).

O elemento mais importante da avaliação das necessidades é, de fato, a constatação dessa brecha: a avaliação das necessidades é, em grande parte, uma autoavaliação, uma vez que o orientador providencia as ferramentas e procedimentos para que o aluno possua os dados necessários e formule julgamentos válidos a respeito do seu nível de desenvolvimento de competências (NOGUEIRA, 2004).

Este processo é composto por três fases. Na primeira, o discente cria um modelo de competências, ou características, necessárias para alcançar um determinado objetivo. Na segunda fase, faz-se uma análise a respeito do nível atual de suas competências, e por último, na terceira fase, o orientador o auxilia a determinar quais as brechas entre as suas competências atuais e as que são requeridas, trabalhando em conjunto para identificar as direções desejáveis no crescimento em busca dos objetivos do discente.

2.4 Elaboração dos objetivos programáticos

Feita a identificação das necessidades e ordenadas, de acordo com os critérios de prioridades, cabe ao discente formular os seus objetivos de aprendizagem. O orientador deverá observar a possibilidade do alcance dos objetivos e sua relevância no processo de ensino, trabalhando com o aluno as possibilidades ou formas de alteração desses objetivos, sempre que não sejam possíveis de cumpri-los.

Knowles (1984) não oferece qualquer tipologia de elaboração para os objetivos, mas salienta que devem ser claros e precisos. A flexibilidade marcante desse processo se dá pelo fato de que o discente poderá formular seus objetivos de acordo com suas preferências e conhecimentos, embora o orientador precise direcionar este processo, reforçando a sua relevância diferencial, tendo como critério base as necessidades identificadas no item anterior.

2.5 Plano de Experiências de Aprendizagem e Contrato de Aprendizagem

Em seguida a avaliação das necessidades através do autodiagnóstico e da definição dos objetivos de aprendizagem, o aluno deve decidir quais os processos de aprendizagem gostaria de realizar. Desta forma, é possível criar um plano no qual constem as atividades as quais se propõe a realizar, quais as metodologias que utilizará e o tempo a que se dedicará às atividades (NOGUEIRA, 2004).

Knowles (1984) afirma que, quando os discentes não possuem experiências anteriores de aprendizagem autodirigida, podem sentir-se um pouco confusos e receosos por terem que tomar as decisões em relação ao processo; porém, com a assessoria dos orientadores e o estabelecimento do plano por ordem sequencial de aprendizagem, os adultos se sentirão mais seguros na elaboração do próprio plano.

O aluno pode escolher entre as opções, quais os conteúdos a realizar e quais as metodologias e recursos que irá usar. Quando necessário, o orientador pode oferecer algumas proposições no sentido de enriquecer seu plano, mas a decisão final sempre deve ser a do aluno.

A base do plano de aprendizagem deve ser montada através da união dos problemas e preocupações existenciais dos adultos e dos propósitos do orientador e das instituições em que eles trabalham (se, for esse o caso). O plano de aprendizagem deve ser elaborado em consonância com as áreas-problemas que unem os objetivos pessoais com os conteúdos que são considerados essenciais.

Uma ferramenta que pode ser usada no processo de aprendizagem é o contrato de aprendizagem. O processo de elaboração do contrato de aprendizagem, os discentes são desafiados a questionar por que é que desejam aprender algo; garantindo as necessidades de aprendizagem dos adultos. Em se tratando das necessidades de se direcionar, o contrato de

aprendizagem envolve os alunos na tomada de decisões a respeito do que será aprendido, como será aprendido, quando e nas avaliações da aquisição desse aprendizado.

Levar em consideração a experiência dos adultos é fundamental, pois permite a elaboração de planos mais individualizados. Os conteúdos permitem a flexibilidade necessária aos discentes para estabelecerem o seu próprio tempo de assimilação de acordo com suas possibilidades. Os alunos estabelecem seus próprios objetivos para a aprendizagem em termos de tarefas ou problemas relacionados com as suas situações de vida cotidiana e tomando como pontos de referências sua aprendizagem anterior e unindo-as aos problemas atuais apresentados. Os contratos de aprendizagem têm como efeito potencializar a procura por motivações internas para a dedicação ao trabalho.

Outro ponto favorável ao seu uso é o fato de que engloba as peculiaridades individuais dos adultos mais relevantes para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, bem como um amplo alcance de experiências, interesses, motivação e habilidades características dos adultos, pois são os próprios a elaborarem seus planos, ocasionando uma sensação de poder sobre os objetivos que desejam alcançar (BASEGIO, 2012).

Percebe-se que um plano de aprendizagem constitui, para o discente, uma estrutura visível e palpável para sistematizar, organizar e direcionar as assimilações e um procedimento sistemático que os envolve na responsabilidade de aprender e avaliar os produtos gerados no processo de aprendizagem.

2.6 Condução das experiências de aprendizagem

A direção das experiências de aprendizagem é o resultado do estudo e análise que são feitos nos pontos precedentes do ciclo andragógico. O orientador deve prestar atenção com relação à organização desses momentos, visto que, existe a tendência de associar a experiência de ensino em contextos tradicionais da educação, e instituir o desejo de “ensinar” o adulto. Knowles (1980) ressalva o perigo dessa opção, em vista de que os alunos poderão não aceitar de bom grado esta direção por parte do orientador.

Quando os adultos demonstram procurar aprender de uma maneira mais independente o orientador necessita adotar uma postura mais flexível, sendo um recurso e orientação sempre disponível, apontando as possíveis falhas e indicando novos rumos que o aluno poderá seguir, quando for esse o entendimento. A experiência anterior é, como foi apontado anteriormente, um fator importante a se ter em consideração no direcionamento das experiências de aprendizagem e, por isso, as técnicas consideradas mais adequadas à generalidade dos adultos são técnicas experimentais (em relação às técnicas tradicionais de transmissão de conhecimento), nas quais a bagagem de conhecimentos dos adultos é integrada.

Para Nogueira (2004) o debate em grupo, as análises de caso, exercícios de simulação, exercícios de prática de competências, projetos de campo, são algumas das técnicas mais

utilizadas. A aplicação destas tem por base teórica a máxima de que quanto mais for ativo o papel do discente no seu processo de aprendizagem, maior e mais profundo será a assimilação do conteúdo proposto. Sobre a exposição de conteúdos, podemos afirmar que ela não deve ser considerada de pouca utilidade pela perspectiva andragógica; desde que o orientador procure uma ilustração dos novos conceitos e generalizações com as experiências de vida dos alunos.

Ou seja, o orientador do processo de aprendizagem deve buscar, ainda, construir, em conjunto com os alunos um delicado perfil de aprendizagem, em que eles possam identificar como pretendem aplicar a aprendizagem assimilada em suas vidas diárias, fomentando o objetivo da aprendizagem, segundo a andragogia, que é a aplicação do conhecimento adquirido na vida dos indivíduos (KNOWLES, 1984).

2.7 Avaliação dos resultados e análise das necessidades de aprendizagem

O processo de avaliação é muito complexo, visto que, nem sempre é possível controlar todas as variáveis que possam demonstrar que a aprendizagem realizada em contexto educativo é a responsável pelas transformações percebidas no aluno. O modelo andragógico sugere um processo de autoavaliação, no qual o orientador procura auxiliar o aluno a perceber as evidências a respeito do progresso feito na busca de seus objetivos.

Segundo Knowles (1984, p. 42, tradução nossa) “nada faz um adulto se sentir mais infantil, do que ser julgado por outro adulto”, assim, segundo a perspectiva andragógica, as fraquezas e as potencialidades do projeto educacional criado pelo aluno devem ser avaliadas em termos de como facilitaram ou dificultaram o seu processo de aprendizagem.

Nogueira (2004, apud KIRKPATRICK, 1975) conceituou a avaliação do processo de aprendizagem de maneira mais pertinente com os princípios da andragogia. Ele compreende o processo de avaliação com base em quatro passos, que são necessários para uma avaliação completa do processo e que iremos apontar brevemente.

A avaliação da reação é o primeiro passo, em que se pretendem obter dados a respeito de como os alunos estão respondendo ao processo de ensino, seu grau de satisfação, sentimentos negativos e positivos que surgiram desde que optaram por buscar novos conhecimentos. Os resultados desta avaliação devem ser debatidos em grupo, com vistas a potencializar o clima de aprendizagem positivo e procurar soluções sobre os aspectos avaliados como negativos.

A avaliação da aquisição de conhecimento constitui o passo seguinte, no qual há a apresentação de dados acerca das técnicas, materiais ou temáticas, adquiridos pelos alunos. No terceiro passo, a meta é avaliar o comportamento dos alunos e, para tal, são utilizados os resultados das observações realizadas antes e depois do processo de ensino e aprendizagem ocorrer. O último passo se refere aos resultados. Os dados coletados através das opiniões dos indivíduos e, quando são consideradas as organizações onde trabalham, avaliam-se os custos, a eficácia, a eficiência e o tempo que deixaram de realizar suas obrigações no trabalho.

Às quatro formas de avaliação apontadas, Knowles (1984) acrescenta uma quinta, que está relacionada de forma direta com a educação de adultos e inserida na educação permanente: a análise das necessidades de aprender.

Deve ficar claro, porém, que o aluno não deve ser deixado sem suporte, apoio e acompanhamento, e que os professores passam a desempenhar um novo papel: o de criar condições para que a atividade de aprendizagem ocorra; para isso, ele indica caminhos e propõe avaliações formativas. Nestas, o aluno avalia a si próprio e é avaliado pelo grupo, ao final das atividades, quanto à aquisição de habilidades e competências exigidas para a prática dos conteúdos teóricos estudados. (SELEME; MUNHOZ, 2011, p. 75).

Se todo o processo de aprendizagem conduz o indivíduo a novos conhecimentos como a educação implica, então todos os processos de avaliação precisam adicionar alguma ferramenta que leve os alunos a voltarem a fazer uma análise os seus modelos de aquisição de competências e considerar as divergências que porventura surjam entre as suas competências e o modelo. A repetição do diagnóstico é, portanto, uma parte essencial da fase de avaliação.

2.8 Potencialidades e limites da Andragogia

Knowles (1984) afirmou que a andragogia possuía influências da corrente científica, pela qual procurava fundamentar o conhecimento em métodos de investigação rigorosos, assim como da corrente artística, em que procurava compreender como os adultos aprendem e, em particular qual o papel da reflexão nesse processo. Depois de quase quarenta anos da publicação dessa obra, a investigação empírica realizada é escassa e os resultados obtidos são inconclusivos e, em certos momentos ambíguos. Ainda que, alguns pensadores dessa perspectiva que possuem um maior grau de aceitação prendem-se com a liberdade de opção que é atribuída aos adultos, a importância que Knowles atribui às metodologias atuais, em detrimento do modelo de ensino tradicional e o papel da experiência anterior na forma como os adultos conceituam e interpretam as suas vivências sociais e pessoais.

As potencialidades da obra de Malcom Knowles são evidentes na medida em que a andragogia constitui a síntese de um conjunto de pressupostos acerca dos adultos e da sua educação em diversos contextos. Estabelecer a diferença na educação de adultos, crianças e jovens representa um passo importante na história da educação dos adultos, que permaneceu muito tem (em diversos países, incluindo o Brasil) como um anexo do sistema regular de ensino. A aceitação da andragogia pelo público adulto demonstra a sua aplicabilidade.

Knowles (1984), em se comparando com outros educadores de adultos (FREIRE, 1987; LOVELL, 1979; MERRIAM, 1993), apela para a experiência prévia dos alunos, para a singularidade de cada um, em particular, como ponto inicial da aprendizagem e, por isso acentua a relevância da construção de significado pelo aprendente, pelas vivências anteriores, bem como, da integração dos conhecimentos nos esquemas de conhecer do sujeito. A aprendizagem é, por

assim dizer, um processo interativo entre quem aprende e o mundo exterior, em que o orientador é uma ferramenta de auxílio nesse processo.

Assim Knowles (1984) enfatiza a natureza psicológica individual do aprendente e considera que cada indivíduo busca se tornar autônomo e a se desenvolver de maneira única e singular. A perspectiva de Knowles, com forte influência da perspectiva humanista, representa uma posição filosófica à natureza existencial dos adultos, baseada na crença de que, desde que tenham liberdade de opção, eles procuram se desenvolver e buscar realização pessoal e profissional através dos processos de aprendizagem.

A perspectiva andragógica defende uma concepção otimista em relação ao ser humano, que combina com a nossa própria, mas que, em termos científicos é pouco testável. A fundamentação empírica dos pressupostos andragógico revela-se complexa. Esta constatação abala consideravelmente os propósitos da andragogia.

Entendemos que a andragogia deve ser interpretada e conceituada como um conjunto de princípios teóricos e práticos que estimulam em muitos adultos, novas forças para realizar a aprendizagem com sucesso. Ela constituiu uma descrição empírica dos estilos de aprendizagem dos adultos e, também, um alicerce conceitual frente ao comportamento desses estudantes. Ou seja, ela constitui um conjunto de orientações prescritivas e válidas, que procuram combater a pedagogia tradicional e os elevados níveis de insucesso desses alunos que realizam aprendizagens no sistema formal.

Sua aplicabilidade representa uma maior vantagem da perspectiva andragógica em detrimento a pedagogia tradicional de adultos. Ela é aplicável em diferentes contextos (formais, informais e não formais); pode ser aplicada no seu todo, ou em partes; os alunos possuem liberdade de escolha em todo o processo de aprendizagem; não se baseia em referências culturais restritivas; pode ser aplicada no campo das ciências exatas e no das ciências humanas e ainda, seu espectro de atuação abrange todas as idades, mesmo que inicialmente fora conceituada para o ensino de adultos.

Considerações Finais

O ser humano está sempre em desenvolvimento e isso gera buscas por conhecimento, sejam elas para melhorar seu currículo profissional, para conseguirem uma graduação, ou até, mudarem suas vidas adquirindo novas aprendizagens e transformando completamente sua maneira de pensar, agir e entender o mundo no qual estão inseridos. O sistema EAD surgiu nesse interim com maior força, quando oferece aos indivíduos a possibilidade de ingressarem em instituições de ensino, sem a obrigatoriedade da presença diária e constante dentro das salas de aula.

O número de matrículas em cursos de graduação presencial diminuiu 1,2% entre 2015 e 2016. Na modalidade à distância o aumento foi de 7,2%, assim a participação da educação à distância em 2006 era de 4,2% do total de matrículas

em cursos de graduação e aumentou sua participação em 2016 para 18,6%. (INEP, 2016, p. 7).

O crescimento massivo do EAD se deve a dois fatores importantes, de acordo com os especialistas em educação. A flexibilidade é um deles. Em um curso on-line o aluno pode estudar onde e quando quiser. É uma solução para quem prefere evitar grandes deslocamentos ou já está no mercado de trabalho, com horários apertados. A modalidade também tem ampliado o acesso à educação superior principalmente para pessoas que vivem em localidades distantes dos grandes centros e não teriam como acessar cursos presenciais.

É inegável que, para que essa modalidade de ensino pudesse florescer e ganhar *status* de reconhecimento, o método de ensino utilizado não poderia ser o mesmo proveniente da tradicional metodologia pedagógica. Então sem muito alarde a Andragogia se fez presente, e mesmo que não seja reconhecida como o principal modelo de ensino, são suas ferramentas que sustentam essa modalidade de ensino.

Entendemos que Malcom Knowles não procurou elaborar uma teoria definitiva de aprendizagem que seria direcionada apenas para o ensino do adulto; ainda que a aplicabilidade da andragogia seja mais bem percebida nesse grupo específico, ele buscou apenas sintetizar um conjunto de ideias, retirando de experiências satisfatórias com esse grupo, que pareciam orientar sua prática de ensino para maiores níveis de sucesso. Ainda que sua perspectiva esteja ligada a um conjunto de ideologias teóricas que não foram verificadas, permitiu à educação de adultos a encontrar uma unidade que lhe era essencial dentro de um contexto histórico em que essa perspectiva surgiu. Entendemos que a constatação de que os adultos são um público diferenciado das crianças e jovens adolescentes dos ensinos Fundamental e Médio, e que suas opiniões devem ser levadas em consideração é, sem qualquer sombra de dúvidas, um dos méritos dessa perspectiva.

É preciso reconhecer que a Andragogia trouxe importantes contribuições no que se refere ao modo de organizar as aulas para adultos. Porém, é essencial tomar o cuidado de evitar o utilitarismo, pois nem tudo que se aprende no ensino superior tem apenas a formação profissional como horizonte. E, mesmo que fosse assim, o que não é necessário ou útil hoje pode vir a ser num outro momento da carreira de um profissional (SOUZA, 2012)

Nos tempos atuais em que a aprendizagem ao longo da vida é constituída como uma realidade cada vez mais evidente, talvez as perspectivas de Knowles necessitem serem mais bem estudadas, e traduzidas com maior clareza e aplicabilidade na educação, principalmente, do adulto.

Assim, consideramos que a Andragogia deve ser vista, entendida e analisada como um modelo de educação de adultos, muito mais adequada a esses estudantes do que a Pedagogia Tradicional.

Referências

AQUINO, Carlos Tasso Eira de. **Como aprender:** andragogia e as habilidades de aprendizagem. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. 160 p.

BASEGIO, Leandro Luiz; MEDEIROS, Renato da Luz. **Educação de jovens e adultos:** problemas e soluções. Curitiba: Intersaberes, 2012. 186 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 170 p.

FURTER, Pierre. **Juventude e tempo presente:** fundamentos de uma pedagogia. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. 286 p.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Superior 2016 – Notas Estatísticas**. Disponível em: <www.inep.gov.br/educacao_superior>. Acesso em: 02 nov. 2018.

KNOWLES, Malcom. **The modern practice of adult education:** from pedagogy to Andragogy. Cambridge: Prentice Hall Regents, 1980. 21 p. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/8948/296248bbf58415cbd21b36a3e4b37b9c08b1.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

LOVELL, R. Bernard. **Adult Learning**. Londres: Routledge, 1979. 170 p.

MERRIAM, Sharan B. **Andragogy and Self-Directed Learning:** Pillars of Adult Learning Theory. San Francisco: Jossey-Bass, 1993. 95 p. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/348f/4ec482384d90bafad92e226fa4471ff56539.pdf?_ga=2.85543129.1365181776.1548790592-305704080.1548790592>. Acesso em: 10 dez. 2018.

MUNHOZ, Antonio Siemsen. **Andragogia:** a educação de jovens e adultos em ambientes virtuais. Curitiba: Intersaberes, 2017. 166 p.

NOGUEIRA, Sônia Mairos. A Andragogia: que contributos para a prática educativa? **Revista Linhas**. v. 5, n. 2, 2004. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/index>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

PAULA, Claudia Regina de; OLIVEIRA, Marcia Cristina de. **Educação de jovens e adultos:** a educação ao longo da vida. Curitiba: Intersaberes, 2012. 98 p.

SELEME, Roberto Bohlen; MUNHOZ, Antônio Siemsen. **Criando universidades corporativas no ambiente virtual**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011. 164 p.

SOUZA, Makeliny Oliveira Gomes. **Aprendizagem do aluno adulto:** implicações para a prática docente no ensino superior. Curitiba: Intersaberes, 2012. 142 p. (Coleção Metodologia do Ensino na Educação Superior, v. 4).

Recebido em 16/10/2019

Aceito em 12/11/2019